

Pe. CLÁUDIO MELO

OS
JESUITAS



NO
PIAUI

10000

10000

10000

10000

10000

10000

10000

10000

10000

10000

10000

Ao queridissimo
Pe. Laufer,
ao saudoso Ir. Maradei
e a Dom Aloisio Pena,
meus superiores e amigos
do Pio Brasileiro.

INDICE

Dedicatória

Uma palavra de introdução

Cap. I - O Mártir dos Tacarijus.....	09
II - A Missão de S. Francisco Xavier.....	14
III - O Legado de Mafrense.....	18
IV - Expulsão e Sequestro.....	21
V - 200 anos depois	25
Notas.....	31
Bibliografia.....	33

Uma palavra de introdução

Entre as comemorações do Ano Inaciano na Arquidiocese de Teresina, merece especial destaque, o presente trabalho sobre a presença e atuação dos Jesuítas no Piauí.

Seu autor, Pe. Cláudio Melo, dispensa apresentação, tão numerosos e sólidos são os seus estudos sobre a nossa história eclesial.

A atual referência à Companhia de Jesus ganha interesse na medida em que o autor nos faz olhar para um passado já bem distante e para um presente bastante próximo.

Constata-se um hiato de dois séculos entre a expulsão dos Jesuítas na segunda metade do século XVIII e o seu regresso, pela mediação do sempre lembrado Dom Avelar Brandão Vilela, por quinze anos, Arcebispo de Teresina.

Nos tempos heróicos da vinda e fixação dos primeiros Padres e Irmãos, avulta a figura do Pe. Francisco Pinto que o Pe. Cláudio chama de "Mártir dos Tacarijus". Seu sangue abençoou a missão nascente e marcou o longo desafio que os Jesuítas iriam encontrar por toda a parte: indígenas a evangelizar e a sanha escravagista dos colonizadores. Os fatos avançam no sentido da incompreensão e da hostilidade e os Missionários são afastados como indesejados e perniciosos.

Todos sabemos o que significou para a Igreja do Brasil, a saída compulsória dos Jesuítas. É uma página triste e um freio terrível, imposto ao dinamismo do Reino de Deus.

Na segunda metade do século XX os Jesuítas voltam ao Piauí. Dom Avelar confia-lhes o Colégio Diocesano e a Paróquia do Socopo. Foi o ensejo para que eles retomassem o mesmo programa de evangelização e educação da fé.

Sentimo-nos tomados de gratidão pela sua dedicação nos trabalhos assumidos na Capital e na zona rural. Em todos eles existe o sinal do Espírito, como na pessoa do Santo Fundador que quis ser chamado Inácio, nascido do fogo, fogo de Deus.

Enquanto rogamos a Deus continue abençoando a Companhia de Jesus entre nós, agradecemos sumamente o estudo do Pe. Cláudio Melo, rica contribuição à comemoração jubilar.

Teresina, 07 de junho de 1991,
festa do Sagrado Coração de Jesus.

+Miguel Fenelon Câmara
Arcebispo de Teresina

I - O MÁRTIR DOS TACARIJUS

Não foram os filhos de Santo Inácio os primeiros evangelizadores dos nativos piauienses, foi porém um Jesuíta, o Pe. Francisco Pinto, quem escreveu a mais bela página de nossa História Eclesiástica. Seu nome é desconhecido até mesmo daqueles por quem verteu o sangue e consumou a vida, porque, mesmo entre os historiadores piauienses, persistia a suposição de que o seu glorioso martírio envolvesse apenas a História Religiosa do vizinho Estado do Ceará (1).

O Pe. Francisco Pinto e seu companheiro o Pe. Luís Figueira, foram os primeiros Jesuítas a pisarem o solo piauiense, e a efusão do sangue de um e a caridade extremada de ambos se constituem a mais preciosa relíquia de nossa Igreja nascente. Um pouco desta fascinante epopéia eu descrevi em "O Mártir dos Tacarijus" (2). Neste capítulo me limito apenas a colocar o fato histórico, como o primeiro passo da Companhia de Jesus no Piauí.

A frustrada primeira Missão no Maranhão

O malogro da desastrosa marcha de Pero Coelho para a conquista do Maranhão criou uma séria dificuldade para uma retomada de ação contra os franceses invasores.

A solução encontrada, e que pareceu a melhor para o Governador de Pernambuco, foi a criação de uma Missão dos Padres Jesuítas em terras maranhenses. Entre o Governante pernambucano, Alexandre de Moura, e o Superior dos Jesuítas, Pe. Fernão Cardim, se decidiu que dois Religiosos partiriam para o Maranhão, fazendo estação na Ibiapaba, onde deve-

riam aquietar os índios revoltados contra Pero Coelho e sem cuja ajuda não chegariam ao Maranhão. Os aleitos para tão difícil e patriótica missão foram:

O Pe. Francisco Pereira Pinto, religioso de comprovada virtude e de larga experiência entre selvícolas do vasto território pernambucano e o Padre Luis Figueira, neólito, mas de uma piedade já comprovada e de ardentes desejos de salvação das almas.

Partiram de Pernambuco por mar no dia de São Sebastião, o grande mártir da fé, 20 de janeiro de 1607. Chegaram ao Jaguaribe às vésperas da festa de N. Sra. da Luz, 2 de fevereiro. No dia seguinte, celebrada a Missa rumaram a pé, por terra, na direção dos índios Tabajaras, com quem deveriam ficar até que se fizesse possível a marcha para o Maranhão. Os Tabajaras lhes pareciam (e de fato eram) o apoio necessário, e todos estavam revoltados com os maus tratos de Pero Coelho.

Levaram apenas como companheiros aqueles índios escravizados pelo Cabo rograndense e que, livres eram restituídos às suas origens. Como bagagem conduziam apenas objetos de uso pessoal e religioso e alguns presentes para os índios a serem visitados.

A caminhada em direção à serra da Ibiapaba foi longa e penosa. Uma trajetória de sofrimentos sem conta, de canseiras e perigos tantos que só a fé justificava. Foram meses e meses de agruras, atravessando matos fechados, povoados de serpentes, rios impetuosos, por causa do período invernos, serras de difícil acesso, sem um teto para os pernoites chuvosos, para a proteção contra as feras e os mosquitos febris.

A cada dia a comitiva se reduzia porque os companheiros, quase todos, eram nativos de tribos que se distribuíam por toda aquela vastidão de terras. O final das jornadas foi o mais martirizante. Os sofrimentos foram tão desgastantes que o Pe. Luis Figueira desabafou escrevendo: "Nesta triste serra dos Corvos (Uruburetama) parece que se ajuntaram todas as pragas do Brasil" (3).

Exaustos, chegaram enfim a primeira estação de seu projeto na Ibiapaba, sentindo a alegria de serem bem recebidos junto aos aborígenes de uma pequena aldeia, de cerca de 20 famílias. Daí se passaram para outra bem mais populosa constituída de umas 60 famílias.

Na aldeia dos Tabajaras os dois Missionários foram recebidos ao som de tambores e maracás, com festas que duraram três dias. Ao chegarem, encontraram prontas a Igreja e a casa onde deveriam ficar.

Foi nesta segunda estadia que os missionários, durante quase cinco meses, traçaram os planos para chegarem ao Maranhão. Primeiro contactaram com as tribos do norte, pensando seguir pelo litoral. Os entendimentos com os principais, Cobra Azul e Algodões, os levaram a reconhecer que era impossível prosseguir pela via mais curta. Projetaram novo caminho, margeando o Itaim Açu (Rio Poti).

Enviaram mensageiros e presentes aos Tacarijus que, sem dúvida, eram os principais obstáculos, dadas suas ligações com os franceses. Estes Tacarijus, de início fizeram entender que os queriam receber. Novo contacto foi feito desta vez, sem qualquer resposta, o que atemorizou

os dois Missionários. Cheios de fé e "encorajando tudo ao Senhor, e pedindo nos abrisse o caminho" (4), partiram em 17 de outubro de 1607, levando consigo uma pequena comitiva. Cinco léguas depois, encontraram-se com alguns índios, chefiados por Mandiarê, e que tinham parentes entre os Tacarijus, que os quiseram acompanhar.

Depois de uma caminhada de 12 léguas, decidiram acampar e fazer roça, bem junto ao lugar chamado Abayara, quase ao sopé da serra, no (ou próximo ao) boqueirão do Poti. Ali havia um belo tucunzal e bom chão para a roça, que logo iniciaram. Construíram, como era o costume, uma Capela de varas e folhas, e junto a ela os seus ranchos.

Foi esta a primeira Igreja levantada em terras castelenses e quicá piauienses, e nela, por dois meses, se prestou culto a Deus com o Sacrifício da Missa.

Desta pousada para os Tacarijus ainda intermeavam 15 ou 20 léguas.

Como entre os que completaram a comitiva, alguns tinham parentes junto aos Tacarijus, decidiram os Missionários outro contacto e lhes enviaram novos emissários.

Era esta a terceira tentativa de aproximação. Não veio resposta. Só depois souberam que foram queimados vivos os portadores da paz religiosa, ficando salvo apenas um, que eles queriam como guia, para chegarem ao seu alvo, os Missionários.

Percebendo que os mensageiros não tornavam, desconfiaram os Jesuitas de uma possível traição e, profundamente entristecidos, decidiram abandonar a empresa. Zelosos por não faltarem ao voto de obediência, escreveram aos Superiores, dando ciência de tudo e pedindo que determinassem o que deveriam fazer. Enquanto aguardavam a resposta, tornariam ao convívio dos Tabajaras.

O Martírio do Pe. Pinto.

Mal saíra da cabana o emissário e o Pe. Pinto se recolhia à sua Igrejinha, para as orações costumeiras, antes do Sacrifício da Missa, Deus dispôs que ali se celebrasse outro sacrifício, o holocausto daquele homem de Deus.

Repentinamente, de todos os lados, numa fúria louca e aos estridentes gritos de guerra, o tosco recinto de oração se encheu de uma balbúrdia indisciplinável, colocando em pânico a pequena comunidade em prece. Eram os Tacarijus que atacavam sedentos do sangue dos Missionários.

Ante o inenarrável atropelo, como de uma multidão desesperada, logo percebeu o pequeno grupo a gravidade do momento. Não tiveram tempo nem para se defenderem, nem para um eficaz socorro daquele que piedosamente rezava junto ao Altar.

Apenas o Pe. Luis Figueira que estava um pouco afastado, na casa dos moços, porque tinha acompanhado por alguns passos o correio que mandara, e um menino tiveram tempo para se esconderem entre os matos e em aflitivas preces acompanhar a alucinante cena que se passava a pouca distância.

Era uma correria desenfreada, pulos, uivos, berros e

pancadarias que faziam sentir uma melodia infernal, estarrecendo, arrepiando e surdecendo.

Todos aqueles bárbaros (e eram muitos) se lançaram no recinto sagrado, buscando incógnitos, assenhorear-se do único alvo, o Pe. Francisco Pinto. Agarraram-no brutalmente, como se a vítima fosse uma fera perigosa. Num gesto de vingança e de desforra, arremeteram sobre o indefeso Sacerdote inúmeros golpes e pancadas fortes que logo lhe quebraram a cabeça e os ossos, tingindo o solo com uma poça de sangue vivo de um cadáver.

A confusão da gritaria e do corre-corre abafou os gestos suplicantes e as preces de perdão proferidas pelo abnegado mártir.

A morte não satisfaz aqueles possessos. Loucos, revolveram tudo, desbarataram tudo, arrancaram sotãina, paramentos, cálice, como se arrancassem a maldição.

Beatem, ferem, matam os defensores do Missionário e, dizendo imprecções, qual relâmpago, como entraram, voaram para o ocidente, deixando atrás a desolação.

Momentos depois, uma timorata voz se fez ouvir:

- Venha Padre, eles se foram.

Criações em batidas aceleradas por tão duros e inesperados choques, param, choram, ante a nova cena que presenciaram.

Frente aos olhos do Pe. Luís Figueira e de homens ruídos, mas afeiçoados amigos, estavam corpos estendidos no chão - três mártires - e gemidos de agonizantes.

Quem poderá descrever o turbilhão de idéias que passaram pela mente daquele jovem Sacerdote ao ver morto o companheiro de todos os labores, de todas as esperanças, o amigo inseparável e orientador de suas dúvidas e sonhos? Lágrimas abundantes lhe rolaram sobre a face, como única exteriorização da tempestade de dor e saudade que lhe invadia o espírito.

Homem de fé, como aquele mártir, o Pe. Luís Figueira não se deixou esmagar. No céu, com certeza, seu companheiro continuaria a ajudá-lo, dando-lhe ânimo para vencer as dificuldades e força para o restante da caminhada. O importante agora era enfrentar corajosamente a dura realidade.

Em defesa do Pe. Francisco Pinto morreram dois índios. Vejamos como o Pe. Luís Figueira narrou as últimas cenas do doloroso evento:

"Com isto me fui e me desci da serra, trazendo diante de mim o corpo do Padre, e ao pé da serra o enterrei, fazendo-lhe um monumento de pedras sobre a sepultura, para sinal dela, pondo-lhe também uma cruz à cabeceira. Mandei logo buscar os dois índios. Um deles estava já morto, o outro morreu ao dia seguinte. Ambos os fiz enterrar junto ao Padre, para cuja defesa morreram, um de uma parte, outro de outra, ficando ele ao meio.

Aqui se remataram e coroaram tantos trabalhos do

Santo Padre, com esta ditosa morte, cujo intento era fazer muitas Igrejas no sertão do Maranhão e converter as Almazonas. Cortou-lhe Deus o fio, porque não era chegada ainda a hora.

Depois que enterrei o Padre ao pé daquela alta serra da Ibiapaba, em um lugar que particularmente se chama Abayara, ao longo de um rio, dentro de um mato, esperei alguns dias pelo principal que estava ausente, para me despedir dele, pelas caridades que dele tínhamos recebido..." (5).

O Pe. Luís Figueira voltou a Pernambuco profundamente desanimado. Em carta, porém aos Superiores, depois de descrever a quase impossibilidade de continuar a Missão, teve o bellissimo gesto de concluir dizendo:

"Mas prevendo ir alguém da Companhia, eu, como aquele que mais direito tem nesta empresa, me ofereço para ser o primeiro, em que se quebre a fúria dos contrastes"(6).

O fracasso daquela Missão pareceu total. O tempo, porém, fez ver que continua verdadeira aquela afirmação dos albores do Cristianismo - o sangue dos Mártires é semente de novos Cristãos.

Menos de meio século depois destes fatos, os Jesuítas voltaram à Ibiapaba fazendo realidade o sonho do Pe. Francisco Pinto.

II - A MISSÃO DE S. FRANCISCO XAVIER

Como vimos, o Pe. Francisco Pinto embora tenha derramado o seu sangue em terras piauiense, não evangelizou o nosso selvícola. Quarenta e oito anos depois de seu belo testemunho de caridade, os Inacianos já sediados no Maranhão (que teve como primeiro Missionário Jesuíta o Pe. Luís Figueira) voltam à serra da Ibiapaba e fundam a Missão de São Francisco Xavier, em 1656.

Foi a partir desta segunda residência que os filhos de Santo Inácio realizaram definitivamente a evangelização dos seivícolas piauienses. Infelizmente, poucos são os documentos conhecidos que trazem esta informação.

Primeiros contactos com os índios do norte

Ao se instalar a Missão de S. Francisco Xavier, foram seus primeiros Missionários, os Padres Pedro Pedroso e Antônio Ribeiro. Viajando por terra do Maranhão à serra da Ibiapaba, passaram por entre os Tremembés, sem todavia sequer acamparem para a dormida, pois tinham receio de uma traição. Depois foi a vez do Pe. Antônio Vieira que também passou pelo território daqueles índios, levando consigo o Pe. Gonçalo de Veras que ficaria na Missão substituindo o Pe. Antonio Ribeiro. Também não foi nesta oportunidade a primeira evangelização. Pereira da Costa todavia nos diz, em sua Cronologia, que provavelmente se aldearam índios do Piauí, nos anos do desdobramento das atividades nas cercanias da Missão. Isto sem dúvida que aconteceu, mas não creio que antes dos anos 80, portanto, quando a Missão já estava entregue aos Jesuítas de Pernambuco.

O Pe. Miguel de Carvalho na "Descrição do Sertão do

Piauí" nos diz que os Longás e os Potis foram aldeados por aqueles abnegados Sacerdotes.

O Pe. Pierre Gonçalves e o Irmão Antônio Ribeiro fizeram viagens pelo Parauaçú (Parnaíba) nelas se encontraram com alguns nativos que margeavam o caudaloso rio.

O Pe. Felipe Burel percorreu o sul piauiense e chegou ao Parnaguá, quando, em companhia do Pe. Miguel de Carvalho, foi feita a primeira desobriga do Piauí (1694), pelo Pároco de Cabrobó.

Todos estes fatos não passaram de passageiros contactos.

Os Jesuítas entre os Tremembés

Os Tremembés sempre foram arredios aos chamamentos da fé. Isto porém tem a sua explicação. Foram selvícolas que tiveram vários contactos com portugueses, franceses, espanhóis, holandeses, e apenas os lusitanos usaram com eles de maus tratos. O choque de tratamento, a violência sobretudo às suas mulheres e filhas a hediondade do infanticídio perpetrado pelo Governo do Maranhão, em presença dos Missionários, não lhes aconselhava afeto aos perós; respeitavam os Missionários, mas desconfiavam deles. A partir porém da Missão de S. Francisco Xavier, a repetição dos encontros, mesmo que ocasionais, a conduta dos Padres junto às tantas tribos, a boa notícia da paz que aqueles homens traziam, o tipo de organização e de trabalho imposto nas Aldeias, aos poucos fez nascer a amizade.

Quando os Uruatis mataram dois Jesuítas do Maranhão, um filho do Principal foi capturado pelos Tremembés. Em testemunho de amizade, os índios parnaibanos ofereceram aos Jesuítas aquela presa que, num ritual compreensivo apenas para a época, colocaram-no ao serviço de N. Sra. da Luz, como seu escravo.

Betendorf nos diz que o Pe. Pedro Poderoso (Pedroso) "como Missionário da serra da Ibiapaba, tinha tratado muito com os Tremembés, sem nunca poder converter um só deles à nossa Santa Fé" (7). Já na Carta Anua de 10 de Outubro de 1695 se lê que o Pe. Ascenso Gago tinha entrada livre junto àqueles índios, e até se servia deles, como emissários, para a conquista de outras tribos (8).

Em princípios do século XVIII, mais precisamente em 1702, houve um primeiro aldeamento, de apenas um grupo, o mais próximo do Camucim, na Aldeia de Aracati Mirim. Foi seu primeiro Missionário, o Pe. José Borges de Novais. Também do lado do Maranhão, em Tutóia, o Pe. João de Tavares aldeiou outro grupo Tremembé, que terminou atraindo os mais. A partir de 1725, os Tremembés deixaram de ser o terror dos viajantes do litoral. Todos estavam aldeados ou convivendo pacificamente com o branco nos mais variados tipos de trabalho.

Os Jesuítas no Vale do Longá

Nenhum dos muitos autores que descreveram os grandes feitos da Companhia escreveu qualquer ocorrência missionária destes Religiosos na Barra do Poti ou nas cabeceiras do Longá, antes de 1696. O

Pe. Miguel de Carvalho, porém, afirma que os Potis e os Longás foram aldeados pelos Missionários da Ibiapaba (9). Isto realmente se deu, quando, não sabemos, mas certamente pouco antes do povoamento acelerado daquelas paragens (1692). Ficou registrada a passagem do Pe. Ascenso Gago pelas terras de Bernardo de Carvalho. O fato nos foi descrito pelo próprio Missionário, na sua Carta Anua de 1697. Como se trata de um documento de bastante interesse para a História do Piauí nascente, convém transcrevê-lo.

"No fim do verão que antecede a esta invernoada que referi (1696), fomos em Missão às últimas povoações de gado que ficam cinquenta léguas, pouco mais ou menos, por trás desta serra para a parte do sertão, movidos da necessidade espiritual em que vivem ali os brancos, faltos de sacerdotes que lhes administrem os Sacramentos. E ainda que o cuidado das ovelhas próprias que deixamos sem pastos, como o houverem-se antecipado as águas ao tempo costumado, nos obrigamos a voltar, antes que as enchentes dos rios nos impedissem a retirada e, mais cedo do que pedia a necessidade espiritual daqueles moradores. Não se deixou contudo de recolher algum fruto espiritual, porque em 18 dias que por lá nos detivemos, se fez Missão em as três partes principais daquela povoação, fazendo-se-lhes suas práticas e exortações, de manhã e à tarde, acudindo todos a ouvi-las, confessando-se e comungando para ganhar o jubileu. Fizeram-se 317 confissões e destas, 42 gerais, necessárias umas, de toda a vida, e outras da maior parte dela, em que se encobriam pecados graves, e alguns casos que, por justas causas, se não especificam. As comunhões foram 275. Impediram-se três mortes que infalivelmente se haviam de fazer, e uma delas se vinha fazer em a mesma casa aonde fazíamos a Missão, e, por ter a espingarda errado fogo duas vezes, se não havia já conseguido. Tivemos aviso do caso e, não só se impediu, mas se fizeram amigos os ofendidos, pedindo-se publicamente perdão de parte a parte. Compensaram-se mais quinze inimizades e malquerências diferentes" (10).

Não foi esta a única passagem dos Missionários da Ibiapaba pelas terras do Longá. Em 1712 o mesmo Pe. Ascenso Gago voltou a visitar Bernardo de Carvalho, e dele solicitou ajuda de pessoal para protegê-lo nas longas e perigosas marchas por aqueles sertões. Nesta época, Bitocara já era freguesia, com seu pároco, e tinha o nome de Santo Antônio do Surubim. Infelizmente o documento não nos revela para onde foi e que fazendas visitou (11).

O Seminário da Parnaíba

Embora a documentação seja muito pobre e mais pobre ainda a pesquisa, é certo que os Jesuítas da Ibiapaba visitaram também as primeiras fazendas que se fundaram nas proximidades da serra, do lado ocidental, particularmente as que criaram na ribeira do Piracuruca. Tem-se notícia de que por lá se negociava o sal.

No segundo quartel do século XVIII, já depois que os Jesuítas se tinham fixado no Piauí, sabemos que o célebre Missionário Gabriel Malagrida percorreu muitas fazendas da Capitania. É certo que esteve

em Mocha, Aroazes, Surubim, Barras, e Piracuruca, nesta freguesia fundou um Seminário para a educação dos jovens filhos dos fazendeiros.

Por falta de clareza nos documentos, se ensinou por muito tempo que o Pe. Malagrida esteve em Mocha, em cujo termo fundou o Seminário da Parnaíba que, por ser também chamado de Simbaíba, se supôs que se tratasse da Sambaíba, fazenda próxima de Água Verde, propriedade da Companhia de Jesus, na bacia do Guaribas.

Na verdade aquele educandário se instalou onde hoje está edificada a cidade de Buriti dos Lopes. O Arquivo da Cúria de São Luis do Maranhão guarda o documento que autorizava a fundação do Seminário de Santa Úrsula, assinado por Dom Frei Manuel da Cruz. Lá se diz claramente que o Seminário seria na fazenda do Capitão José Lopes da Cruz, o doador também da capela já existente. No documento episcopal se lê ainda que, fechando o Seminário, "ficará a dita capela outra vez sujeita à jurisdição ordinária".

O Seminário era mantido em parte pela coroa, em parte pelas famílias dos jovens estudantes e, creio também pelo Sr. Bispo, Dom Frei Manuel que, inclusive, deixou um pouco de seus bens de herança para aquela instituição. Sabemos que sua duração foi curta, porque eram poucos os alunos. Seu primeiro e me parece que único Reitor, foi o Pe. Miguel Inácio, que por lá esteve pelo menos até 1752.

Outras atividades religiosas

Os Jesuítas do Piauí, desde o tempo do Pe. Domingos Gomes, sempre tiveram sacerdotes a serviço das comunidades vizinhas que, como Missionários, percorriam as Paróquias no maravilhoso trabalho de difusão da fé. Não se fixaram em nenhuma Paróquia, não aceitaram nenhum encargo além do de pregadores da fé. Mas nas suas andanças, estimularam os fazendeiros a construir pequenas Casas de Oração, ou a reformarem suas Igrejas.

É tradição comum que os Jesuítas tiveram Missões em Aroazes, e o Pe. Malagrida foi o iniciador da grande Igreja que viu antes de ser concluída. Isto não tem nenhum fundamento de verdade. Quando o Pe. Malagrida veio pela primeira vez ao Piauí, Aroazes já tinha Missionário residente, e sua Igreja em construção (12).

O mesmo erro se comete ao pensar que a Matriz de Jerumenha também é obra dos Jesuítas. Em fé e Civilização, o leitor poderá ver o erro desta tradição.

III - O LEGADO DE MAFRENSE

O Grande sertanista Domingos Afonso, o Mafrense, senhor da metade das terras que a Casa da Torre se apoderou no Piauí, faleceu em 18 de junho de 1711, na Bahia, deixando em seu testamento expressiva porção de sua grande fortuna para sustentação do Noviciado da Companhia de Jesus em Giquitãia e para algumas obras pias a serem administradas pelo Reitor do Colégio da Bahia. Tão importante doação motivou a que os companheiros de hábito do Pe. Francisco Pinto se fixassem no Piauí.

O difícil inventário dos bens

No mesmo ano da morte de Mafrense, chegou ao Piauí o Pe. Manuel da Costa, acompanhado do Irmão Matias Francisco, para tomarem posse da maior riqueza então existente em toda a Capitania - Um latifúndio constituído de 27 fazendas instaladas com gados vacuns e cavalares, espalhados em 1.206.612 hectares e avaliados em 230.000 cruzados da época.

Chegando a Mocha, os dois Jesuítas encontram a Justiça piauiense repartindo a fabulosa riqueza com os filhos naturais do grande sertanista. O fato causou estranheza aos Religiosos não só porque aquela Justiça nem sequer esperou para se confirmar a existência de qualquer disposição testamentária (coisa tão comum entre ricos) como também porque Mafrense tinha declarado em seu Testamento que não tinha herdeiros.

Vendo os Jesuítas que não lhes era fácil desfazer aquele processo, e porque suspeitavam da Justiça local, dirigiram-se ao Governador do Maranhão, a quem expuseram os fatos, e de quem trouxeram ordens para que o escrivão da Matriz, acompanhado de dois louvados, fizesse o levantamento de todos os bens constantes no Testamento e dessem aos Jesuítas a posse de tudo, conforme a vontade do testador.

O inventário durei cinco anos para se completar, não tanto por causa das muitas terras, mas sobretudo em razão de escravos e gados estarem dispersos, ou nãopossidos bastardos deserddados.

Durante esses anos a Justiça local ainda quiz interferir no processo, alegando a lentidão, mas, após entendimentos, tudo correu sem mais atropelos com a lei.

Não foi fácil por em ordem tanta coisa em tamanha vastidão de terras, algumas ocupadas por rendeiros que anualmente atendiam as suas obrigações, outras em mãos de Agostinho e Vidal Afonso, filhos naturais de Mafrense e que insistiam em direitos hereditários, outras ainda em mãos de estranhos como valente Belegão que de há anos se fixara na fazenda Espinho e o Capitão Manoel Gonçalves que se apossara do Taboleiro Alto, e só o restituiu depois de receber o valor de todas as benfeitorias lá deixadas.

Como se isto fosse pouco, hordas de índios, sob o comando de Mandu Ladino, atacaram por várias vezes o Santo Antônio e a Cachoeira, matando escravos e gados vacuns e roubando cavalos.

Problemas de uma nova administração

Terminado o inventário de tudo, o Pe. Manuel da Costa passou a administração daqueles bens ao Pe. Domingos Gomes. Até então os Jesuítas residiam na fazenda Torre.

O novo Superior não teve menores dificuldades no desempenho de sua função. Assumiu o trabalho visitando todas as fazendas, fazendo nova avaliação do já acrescido e também dos escravos. Nisto passou 60 dias.

O Pe. Domingos Gomes deixou-nos em "Notícias do Piauí" um bom relato dos seus trabalhos e de seu antecessor.

Em 1729, quando a administração da Capitania do Piauí estava definitivamente sob o comando do Estado do Maranhão, seus governantes, embora lhes tivessem crescido as rendas, criaram mais impostos aos fazendeiros do Piauí que, revoltados, reagiram com a sonegação, deixando de vender suas boiadas e interditando as estradas para Pernambuco, Bahia e Minas. O Governador maranhense exigia que também os Jesuítas pagassem o novo tributo imposto. Graças a interferência do Conde de Sabugosa, Vice Rei do Brasil, o Rei declarou isentas deste novo imposto as terras da Companhia de Jesus. Mas, enquanto a solução não veio, isto causou grandes prejuízos ao Noviciado que precisava manter regular e suas vendas, para a sustentação de todos.

As primeiras sesmarias piauienses, inclusas portanto as que os Jesuítas administravam sempre foram objeto de protestos junto a Corte, porque eram posses imensas, pouco aproveitadas e povoadas, ficando os verdadeiros colonizadores sem direitos, embora muitas vezes tenham sido eles os primeiros (e às vezes os únicos) a nelas entrarem, a nelas plantarem e criarem, com o perigo de suas vidas, sempre ameaçadas pelos índios. A constância desses protestos levou o Rei a exigir novas demarcações das sesmarias piauienses.

José Marques da Fonseca, então Ouvidor do Piauí, declarou devolutas também as terras em mãos dos Jesuítas e as mandou demarcar por funcionários inescrupulosos e que se sustentavam às custas dos gados da Companhia, com uma lentidão enervante e altamente dispendiosa. Em vão protestaram os Religiosos. O Juiz foi inclemente e ameaçador. Os ânimos se exaltaram e o Superior terminou por excomungar José Marques e a apelar para Lisboa, contra o procedimento daquela autoridade.

Em abril de 1754 a conduta do Juiz foi reprovada pelo Rei que mandou suspender a demarcação nas terras do legado.

Não encontrei nos documentos que a excomunhão tenha sido retirada; mas os Jesuítas mostraram ao povo os sinais evidentes do castigo de Deus. José Marques, não apenas porque perseguiu os Jesuítas, mas também porque praticou outras arbitrariedades, perdeu o cargo, fugiu da justiça de que era defensor, foi preso e viveu o seu final de vida num total desprestígio.

Um patrimônio organizado e bemfazejo

Para melhor serem atendidas as disposições testa-

mentárias, de acordo com a destinação de suas rendas, os Jesuítas ordenaram as fazendas em três grupos centralizados em uma fazenda que denominaram Residências - Santo Inácio, Nazaré e Canindé. Em cada uma delas havia uma capela. A sede da administração passou da fazenda Torre para Santo Inácio. Já eram 32.000 as cabeças de gado e a venda anual passou de 1.000 para 1.200 bois.

Durante os anos da administração do Pe. Domingos Gomes a Companhia de Jesus não só conseguiu reaver as últimas fazendas usurpadas, mas ainda, com autorização da Justiça, trocaram as fazendas da Bahia e uma do Maranhão por outras no Piauí. Posteriormente foram compradas ou arrematadas outras, por razões de conveniências de pasto e porque ficavam vizinhas às do morgado mafrense:

Guaribas e Matos foram compradas no ano de 1745 ao velho companheiro das demarcações, Antônio Gonçalves Neiva e a Dona Inácia de Araújo Pereira, viúva do Coronel Garcia d'Ávila Pereira;

Salinas e Cachoeira foram compradas em 1759 ao mesmo Neiva e ao Desembargador André Leitão de Melo;

Pobre foi comprada à viúva de Domingos Jorge (II), Dona Antônia Francisca de Jesus, e a Manuel Cardoso da Costa (coerdeiro).

Itaueira e São Romão foram arrematadas em execução que os Jesuítas moveram contra Domingos Jorge (II);

e Água Verde que foi uma doação de Marinho Soares.

Organizado o patrimônio, quando tudo fazia pensar que começava uma era de tranquilidade, Deus lhes mandou a maior de todas as provações.

IV - EXPULSÃO E SEQUESTRO

Por toda parte se comentava a fabulosa riqueza dos jesuítas, particularmente no Piauí, Maranhão e Pará. O Marquês de Pombal, acérrimo inimigo da Companhia de Jesus, viu nela a solução para tirar o reino da grande crise econômica por que passava. Por um processo de todos conhecido, consta que com muita artimanha simulou um atentado ao rei, e responsabilizou por tudo que aconteceu a alguns nobres, seus desafetos e os filhos de Santo Inácio, particularmente o Padre Gabriel Malagrida, tendo assim, importante pretexto para se vingar da Companhia de Jesus e expulsá-la dos domínios portugueses e justificar, como castigo, a confiscação de todos os bens dos jesuítas no Brasil.

A execução do plano

A execução do plano não era fácil, mas o Marquês era inteligente, inesperadamente, antes mesmo que o Piauí tivesse uma só cidade ou fosse Capitania independente, foi nomeado para Mocha, como Ouvidor, o Dr. José Luís Duarte Freire, cuja finalidade, segundo Odilon Nunes, não era administrar a Justiça no Piauí, e sim, iniciar o processo de levantamento dos bens da Companhia, para o seu sequestro.

Os fatos só se esclareceram quando, o Marquês de Lavradio, então Vice Rei do Brasil, ordenou ao ilustre jurista que se desocupasse de qualquer outro exercício, para cuidar apenas do sequestro de que fora incumbido (13).

Era importante apoderar-se do maior latifúndio de toda a Capitania piauiense.

Eram 277 léguas de sesmaria, 12.000 Kms² de terras com 32.000 cabeças de gado, 1.600 cavalos e perto de 200 escravos, além das muitas benfeitorias em casas, cercados, carros de boi, selas, móveis, utensílios de couro, etc. O executor do plano no Brasil, seria o Vice Rei, na Bahia. Esta disposição do Marquês seria conduzida no maior sigilo, e chegou à Capital do Brasil em fins de maio de 1759. É evidente que, na mesma reserva, chegou a notícia aos ouvidos dos Religiosos do Colégio.

Só pelo final do ano é que os rumores se espalharam pelo Piauí, passando de ouvido a ouvido, deixando todos perplexos. Os piauienses, que apenas conheciam a caridade incansável daqueles Missionários, não tinham condições para julgar a veracidade dos boatos; limitavam-se a lamentar o fato, com reservas, manifestando o seu pesar.

Pelo Natal de 1759, enquanto na bela Igreja do Pe. Tomé de Carvalho se cantava um soleno "Te Deum" e se dizia Missa em ação de Graças pela salvação do Rei, na Capelinha do Brejo de Santo Inácio, os abnegados Jesuítas pediam a Deus, com o peito cheio de angústia, forças para carregarem aquela cruz, cujo tamanho e peso ainda desconheciam.

Por essa época, ninguém tinha certeza de nada; apenas se falava de uma provável expulsão do Reino. Constava porém que o Governador e o Ouvidor estavam ao par de tudo, já mesmo antes do Natal.

Os Decretos Reais

Foram diversos os atos régios emitidos condenando a Companhia de Jesus. Termos tão violentos e injustos não podiam ser dirigidos aqueles que foram os mais dedicados evangelizadores do Brasil, mesmo que fosse verdadeira a participação de Malagrida no discutido atentado.

O primeiro decreto foi datado de 19 de janeiro de 1759. Declara o ato régio que os Jesuítas são condenados proscritos de todo o Reino. Esta disposição real foi publicada e remetida à Colônia, mas não produziu efeito.

Um segundo decreto, lavrado em 03 de outubro do mesmo ano, considera aqueles Religiosos rebeldes, traidores, adversários e agressores da Real Pessoa do Monarca e, por isso, os declara desnaturalizados, proscritos e exterminados do Reino.

Certamente que por razões político-religiosas, tanto esta, como a primeira condenação, não tiveram execução. Possíveis reações internas e externas, particularmente da Igreja em Roma, exigiram longas negociações. O Marquês porém era todo poderoso e de extremada teimosia.

Novo Decreto veio às mãos das autoridades baianas e piaulenses. Em 10 de agosto de 1760 o Rei assinou o seguinte Decreto:

"Eu El Rei, Faço saber a vós João Pereira Caldas, Governador da Capitania do Piauí, que havendo os Regulares da Companhia denominada de Jesus obrigado a minha religiosa piedade, a fazer lugar a minha indefectível Justiça, para com os justos e indispensáveis motivos de que se reis informado pela Coleção impressa que vos será com esta apresentada, mandar expulsar, como têm sido expulsos de todos os meus reinos e domínios, os mesmos perniciosos Regulares.

E devendo, pela conformidade da minha Lei, dada em 3 de outubro do ano próximo passado, praticar-se o mesmo procedimento com aqueles dos sobreditos Regulares que se acharem no território dessa Capitania.

Sou servido que, logo que receberdes esta, façais apreender e remeter ao Governador do Maranhão, com toda a segurança, todos os que estiverem nos limites da vossa jurisdição, ou a eles chegarem, de qualquer qualidade ou Nação que sejam, fazendo ao mesmo tempo sequestrar e por em segura custódia e arrecadação, todos os papéis, bens móveis semoventes, e de tais que forem achados dos mesmos Regulares, e dando-me conta da sua importância, assim em capital como em rendimentos, para de tudo eu dispor o que achar que mais convém. E para que não padeçam detrimento as fazendas, lavouras e gados, as entregareis ou inteiras ou divididas, a pessoas que bem as administrem, com o encargo de pagarem anualmente o terço do seu produto, por ora, e enquanto eu não der mais decisiva providência sobre esta matéria. Dos mesmos rendimentos fareis deduzir sempre o que necessário for para se satisfazerem as obrigações de culto divino e as disposições testamentárias, como pelas minhas reais ordens está determinado. E tudo espero que executeis com a exatidão, zelo e acerto com que vos empregais no meu real serviço. Escrita no Palácio de Nossa Senhora da Ajuda a 10 de abril de 1760. Rei Para João Pereira Caldas" (14).

Por fim, em 25 de janeiro de 1761 novo ato régio foi publicado contra os Inacianos. Nele se ordena que "os seus bens consistentes em móveis e não dedicados ao culto divino, e somente em mercadorias do Convento, sem fundos de terra, casas e rendas de dinheiro, que possuem livres, sem encargos pios, fossem à semelhança dos bens vacantes, incorporados ao fisco real e revertessem para a Coroa os que a seu benefício haviam saído dela" (15).

Recebido o ato régio, o Governador piauiense prontamente o mandou executar.

Os Religiosos residentes no Piauí, naquela data eram os Padres Francisco Sampaio, João Sampaio, Manuel Cardoso e João de Figueiredo, e ainda o Irmão Jacinto Fernandes, exímio curraleiro.

Nem todos os Religiosos estavam na residência de Santo Inácio. Alguns, no cumprimento de seu dever sacerdotal, porque nunca mudaram o ritmo de seus trabalhos, estavam pelas Freguesias, em Missão ou ajudando nossos Párocos. Cartas do Governador Pereira Caldas foram remetidas aos Comandantes Militares ordenando a prisão dos Jesuítas que estivessem em território de sua jurisdição. Deveriam ser imediatamente remetidos à Capital. As ordens foram cumpridas. Não consta que houvesse qualquer reação por parte dos religiosos, por violência por parte dos militares.

Em 10 de maio de 1760 já estavam presos todos aqueles Religiosos. Em razão de novas determinações vindas da Bahia, as vítimas de Pombal foram conduzidas para a cidade da Bahia, onde deveriam se juntar com os demais companheiros de infortúnio.

Embora tratados com o respeito que tinham à dignidade sacerdotal; o medo de um ataque ou sequestro, por parte de alguns amigos dos Religiosos, obrigou as autoridades a tomarem rigorosas providências na custódia e condução dos prisioneiros.

Foram conduzidos pelo Alferes João Rabelo da Cunha, que se fazia acompanhado por um Sargento e dez soldados fortemente armados e com instruções rigorosas de não consentirem "que algum deles se aparte de sua presença, nem que alguns dos soldados, que os vão escoltando, se adiantem ou atrasem, devendo ir todos juntos, para que não suceda a mais leve desordem em negócio tão sério... isto mesmo observará em toda parte onde pousarem para jantar ou pernoitar, pondo aos mesmos Padres sentinela, que V. Mercê rondará a cada passo, e também o Sargento que o acompanhará" (16).

A viagem foi bastante penosa por causa dos longos caminhos, porque havia pressa de chegarem na Bahia em tempo de os prisioneiros tomarem o navio para o exílio, por causa da pressão psicológica, violentando o espírito daqueles devotados servidores de Deus e da Coroa.

Como se todas aquelas provações fossem poucas, dispôs Deus que aquela "via crucis" tivesse um Calvário, e, para o holocausto o Senhor escolheu como vítima o Pe. José de Figueiredo, que faleceu já quase no termo da viagem.

Os prisioneiros chegaram em Salvador depois que

seus companheiros haviam embarcado para a Europa. Partiram, portanto, em outro navio.

No desfecho final do falso castigo, os Jesuítas piauienses foram distribuídos um, o Pe. Manuel Cardoso, para a Itália, os demais ficaram em Portugal, sendo que os Padres Francisco e João de Sampaio a princípio ficaram presos no Azeitão e, mais tarde, em São Julião da Barra, com o Pe. Manuel Gonzaga que ali faleceu em 1766.

Os Jesuítas não deixaram um só documento que nos revelassem como receberam as notícias da prisão e sequestro, mas os fatos revelam a grandeza de almas daqueles homens. De quando surgiram os boatos, até a prisão, tiveram muito tempo para os mais diversos comportamentos. Não fugiram, não abandonaram suas obrigações missionárias, nem os seus deveres de administradores de um legado que conservaram como dantes; não venderam nada, não fizeram qualquer doação, mesmo que justas aos que os serviam, não deram carta de alforria a qualquer escravo, nem remeteram um sequer para casa de parentes. Tudo deixaram como se deversem continuar a administração, com notas de tudo. Supunha-se que viviam na opulência, mas encontraram a pobreza e a honestidade como a característica de 49 anos da administração daquela que foi a maior riqueza piauiense. Como homens de Deus, apenas cumpriram o seu dever, deram todavia para aqueles que o secundaram e para os administradores de hoje, o exemplo de como se administra os bens alheios.

V - 200 ANOS DEPOIS

Passados exatamente dois séculos voltam os Jesuítas ao Piauí. Como da última vez, vieram da Bahia, sem as vantajosas condições econômicas do passado, cheios porém daquele mesmo espírito de fé e caridade. Desta vez vieram para dirigir um educandário, e assim retribuírem com educação o que antes haviam recebido para educação.

Chegam os primeiros Jesuítas

A 6 de Janeiro de 1960, após vários entendimentos entre o Arcebispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela, e o Pe. Pedro Dalle Nogara, Provincial da Companhia de Jesus, chegam a Teresina, às 18:30 horas, os Padres Moisés Fumagalli e Antônio Dante Civiero e o Irmão Luís Cândido Oboe.

Não houve recepção oficial, mas o carinho com que a família teresinense abraçou aqueles filhos de Santo Inácio foi tão afetuoso que, por várias vezes, isto foi registrado no Diário do Colégio, que os Jesuítas escreveram (17).

Dias depois chegou o Pe. Luciano Cimam, e por fim, o que seria o Reitor da nova comunidade, o bondoso Pe. Carlos Bresciani.

Entre a Arquidiocese de Teresina e a Companhia de Jesus ficou acordado que o Colégio Diocesano pertencente à Mitra teresinense, passaria para a propriedade dos Jesuítas que assumiriam a educação e formação religiosa dos jovens ali matriculados.

A Circular do Arcebispo

A comunicação oficial da chegada dos Jesuítas foi feita através de uma Circular que, pela sua importância, a transcrevo quase no seu todo.

"Ao Reverendo Clero e fiéis da Arquidiocese de Teresina

Em transportes de verdadeira alegria, venho comunicar-vos a grande notícia da presença dos Padres Jesuítas em nossa sede Arquiepiscopal de Teresina, depois de anteriores e prolongados entendimentos que se estenderam por quase um ano.

Era anseio nosso entregar o Colégio São Francisco de Sales a uma Congregação Religiosa de experiência no campo educacional.

A Providência Divina veio em nosso auxílio e nos trouxe para o Piauí, os Padres Jesuítas que irão empenhar-se a fundo no trabalho da formação intelectual, moral e religiosa de nossa juventude.

Para que tal desiderato se tornasse realidade, um imenso esforço se teria de fazer, inclusive no plano financeiro, porque era preciso criar condições mais favoráveis, dentro do Colégio, para assim entregá-lo à benemérita Companhia de Jesus.

Estas providências estão sendo tomadas, em caráter de urgência, o que representa um decisivo passo em ordem à recuperação desse tradicional Colégio piauiense.

Agora chegou o momento de entregá-lo à competência de sacerdotes experimentados no setor da educação.

Esperamos dos pais de família de Teresina e do Piauí, todo o apoio para essa batalha de recuperação do Colégio S. Francisco de Sales, apoio moral e financeiro, por que assumi responsabilidades para as quais não estava preparado.

O problema é de interesse coletivo e tenho certeza de que serei compreendido nesse esforço em prol de melhores níveis de educação primária e secundária, nesta querida cidade de Teresina.

Da Companhia de Jesus, que retorna ao Piauí, sob extraordinária expectativa, espero total correspondência aos anseios do povo.

Das famílias teresinenses, sobretudo, espero acolhida generosa para os denodados Filhos de Santo Inácio, hoje também preocupados com a solução de um grave e urgente problema de nosso meio - a educação.

Que Deus nos favoreça a todos nós com a sua graça. E desça sobre todos a bênção superabundante do coração de vosso Arcebispo. Avelar, Arcebispo de Teresina". (18)

13 de Março de 1960

A entrega oficial do colégio se deu naquele domingo de tanta importância para a história do Piauí, 13 de Março.

A sociedade, elite e povo, se fez presente à missa e sessão solene.

Os jornais da cidade elogiaram o gesto do Arcebispo e a escolha destes que são os educadores por excelência.

Naquela data eram apenas 400 alunos e, para os Jesuítas de então, "era bom começo".

Graças à capacidade e virtudes dos Padres, o colégio cresceu em número e prestígio, sendo logo reconhecido como o melhor de Teresina, pela organização, disciplina e qualidade de ensino.

Mais padres vieram completar o quadro e o sacrifício inicial se fez cada vez mais compensador, particularmente para o Piauí.

A casa foi ampliada, para que pudesse abrigar os quase 2.500 alunos que hoje tem.

Desde o primeiro ano, todos sentiram que o Diocesano (como sempre foi chamado o Colégio São Francisco de Sales) não seria apenas mais uma casa de ensino, e sim, um centro de verdadeira educação porque, indo além da instrução, ministraria a necessária formação cultural, cívica e religiosa.

Em 17 de Outubro de 1964 foi ordenado na Catedral de Teresina, o primeiro Jesuíta piauiense desta nova geração, o Pe. José da Costa Araújo, que depois serviu em Teresina, dirigindo movimentos juvenis.

Os Jesuítas do Piauí, embora poucos e com inúmeros afazeres, não se enclausuraram nas dependências do seu colégio. Foram desde o início, os incansáveis coadjutores do clero secular que sempre encontrou portas abertas e sacerdotes disponíveis para a celebração das missas dominicais, para confissões, pregações e retiros.

Sua casa também foi hospedagem carinhosa para tantos sacerdotes e bispos que vinham do interior para a capital.

Em 31 anos quatro abnegados competentes religiosos dirigiram a instituição:

- Padre Carlos Bresciani, primeiro diretor, homem extremamente bondoso e capaz, não apenas dirigiu o Diocesano por dois períodos, mas, entre uma e outra gestão assumiu, com valor o cargo de vice-provincial e hoje é o provincial, na Bahia;

- Padre Ângelo Imperiali, segundo diretor, zeloso e queridíssimo, é ainda hoje elogiado por pais e ex-alunos;

- Padre Luciano Ciman, organizado, dinâmico e inteligente, foi quando diretor, o mesmo imprescindível homem dos primeiros anos do colégio;

- Atualmente o Diocesano está sob a direção do incansável Padre Darly Luis de Almeida, que vem mantendo o colégio com as qualidades do passado e com o prestígio cada vez mais crescente.

- Hoje nosso educandário recebe rapazes e moças e mantém cursos de 1º e 2º graus.

Em 23 de Abril de 1968 os Jesuítas do Piauí receberam em sua casa a honrosa visita do Pe. Pedro Arrupe, recém-eleito geral da Companhia de Jesus, que nos honrou com dois dias de alegre convívio. O povo teresinense o acolheu e testemunhou sua satisfação na concentração de fé realizada na Catedral, no dia 24 de Abril.

A Casa do Socopo

Homens dinâmicos e apostólicos, aqueles primeiros Jesuítas cedo se preocuparam com o complemento natural de sua atividade

educadora - a formação religiosa da juventude e, sobretudo, a vivência. Para tanto, conceberam, já no primeiro ano de sua estadia conosco, a idéia de uma Casa de Retiros e Encontros, onde não apenas o pessoal do colégio, mas toda a comunidade católica tivesse um local de recolhimento espiritual e de estudos. Assim, já em 1961 eles adquiriram um terreno no bairro Socopo, onde o Pe. Luciano Cimamerigiú a bela casa que, com o tempo, se desdobrou no Complexo Socopo que hoje temos e que tanto bem tem feito.

O Irmão Luís Oboc, braço forte do Pe. Luciano, instalou umas oficinas de carpintaria e ferraria que não apenas reduziram os custos da majestosa obra, mas deram ocupação e especialização aos jovens da vizinhança. Estas foram as primeiras sementes de sua ação no meio rural teresinense.

As necessidades do Colégio e da Casa de Retiros fizeram que novas atividades se criassem. Surgiu a horta, iniciou-se a fruticultura, apareceu a granja, fundou-se uma Associação, nasceu a Escola Santo Afonso e, como consequência lógica de tão profícuas realizações, nasceu a idéia de uma paróquia que logo se fez realidade.

Já sob os cuidados do Pe. Belfoni e do Irmão Afonso Montiero se construiu um Posto Médico-Dentário e se dinamizou a Escola Santo Afonso, agora com instrução primária e técnicas agrícolas.

O Complexo Socopo, que hoje é modelo para quem quer dar cunho religioso a uma obra social, é atualmente dirigido pelo dedicado Pe. Humberto Pietro Grande e pelo não menos esforçado Pe. Xavier Nichele.

Além da experiência no bairro Socopo, os Jesuítas do Piauí têm ainda uma propriedade rural, Monte Belo, presente do Pe. Benedito Lopes, sacerdote piauiense que era Jesuíta.

Outras atividades pastorais

Ainda no tempo de Dom Avelar, se criou na periferia de Teresina, em um bairro então muito pobre, a Paróquia de Cristo Rei, logo confiada ao zelo sacerdotal do querido Pe. Pedro Maione que cedo transformou aquele bairro numa comunidade modelo, com bela Igreja, Centro Social, Biblioteca, pequeno Museu, Indústria, Escola, etc.

Pe. Pedro foi transferido; isto não lhe arrancou as raízes de Teresina. Mesmo afastado, continuou angariando donativos para as obras existentes e fez construir um belo Centro Cultural.

Aos Jesuítas foi também confiada, por alguns anos, a Paróquia de Monsenhor Gil. Lá estiveram o Pe. Ângelo e o saudoso Pe. Cíviero que se doaram, como poucos, na evangelização daquela gente.

Amarante também foi marcada pelo zelo inaciano do Pe. Miguel Galea que, num gesto profundo de fé, abusou das limitações de sua idade e saúde, para que não faltasse a assistência religiosa às distantes comunidades interioranas.

Em Demerval Lobão está há alguns anos, o incansável

Pe. Mário Rocchi, hoje residindo na sacristia de sua Matriz, porque cedeu a Casa Paroquial para uma comunidade de freiras.

A Diocese de Picos também foi privilegiada com a colaboração dos inacianos, com o devotado serviço do Pe. Nicolau Musich.

31 anos se passaram. Os cinco primeiros semeadores já não mais estão nas terras piauienses. Outros os substituíram e foram substituídos, dando cada um parcela substancial do grande bem que a Companhia de Jesus tem feito no meio cristão deste sofrido Piauí. Hoje Teresina conta com duas comunidades e quinze religiosos, cuja abnegação e fé perpetuam e esplendoram a obra desta sociedade que vive AD MAJOREM DEI GLÓRIAM.

NOTAS

- 1 - Porque o Pe. Francisco Pinto e seus companheiros foram sepultados no lugar Abayara, o Barão de Studart julgou se tratasse de Ubajara e, assim, ensinou.
Sua incontestável autoridade fez com que os escritores do tempo não se dessem ao cuidado de examinar mais atentamente os textos, e continuaram o erro. Não atenderam aos detalhes que mostram que os Missionários se dirigiam para o Maranhão (direção oposta a Ubajara) e se afastaram dos Tabajaras 12 léguas na direção dos Tacarijus. Além disso, diz-nos o Pe. Luis Figueira que acamparam quase no sopé da serra, à beira de um grande rio (Ubajara não fica à beira de um grande rio). Enfim, quando se criou a Freguesia de Marvão (1742), entre os seus limites territoriais estava o lugar Abayara, que é no Buqueirão do Poti.
- 2 - Veja bibliografia anexa.
- 3 - Pe. Luis Figueira, Relação do Maranhão, 1608 - Edição comemorativa do III Centenário do Ceará - Fortaleza, pag. 99.
- 4 - Idem, ibidem.
- 5 - Idem, ibidem, pag. 121.
- 6 - Idem, ibidem, pag. 136.
- 7 - Pe. Felipe Betendorf - Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão - Rev. do Instituto Histórico, Tomo XXXVII - 1910
- 8 - Não anotei a referência, mas, sem dúvida, é citação de Serafim Leite
- 9 - Descrição do Sertão do Piauí, citado por Ernesto Ennes em "As Guerras dos Palmares" - Comp. Ed. Nacional, pag. 380
- 10 - Serafim Leite, "História da Companhia de Jesus" - Tomo 3º, Cap. IV.5 2º.
- 11 - Pe. Cláudio Melo, "Bernardo de Carvalho" - FUFPI, pag. 20.
- 12 - Pe. Cláudio Melo, "Fé e Civilização - Papelaria Piauiense", todo o Cap. VIII
- 13 - Arquivo Público de Teresina - Seção do Legislativo
- 14 - Odilon Nunes, "Depoimentos Históricos" Comepi, pag. 86
- 15 - Arquivo Público de Teresina - Seção do Legislativo - Livro referente aos atos do Governador Pereira Caldas
- 16 - Idem, ibidem
- 17 - Diário dos Jesuítas de Teresina,
- 18 - Circular do Arcebispo, publicada no Jornal "O Dominical", em 17 de Janeiro de 1960.

BIBLIOGRAFIA

- Cláudio Melo (Pe.). - "Os Primórdios de Nossa História"-Papeleria Piauiense-Teresina-1983
 Idem - "O Mártir dos Tacarijus" - FUFPI - Teresina - 1986
 Idem - "Fé e Civilização" - Papeleria Piauiense - 1991
 Claude- d'Abbeville - "História da Missão dos Padres Capuchinhos na ilha do Maranhão" - USP - São Paulo - 1975
 Domingos- Gomes (Pe.) - "Notícias do Piauí" Manuscrito inédito, em via de publicação
 Ernesto Ennes - "As guerras nos Palmares" - Brasiliana - Cia. Ed. Nacional São Paulo - 1938
 Felipe Conduru Pacheco(Dom.) - "História Eclesiástica do Maranhão" - São Luis - 1968
 J.M.Pd'Alencastre - "Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí" - Comepi - Teresina - 1981
 João Felipe Betendorf(Pe.) - "Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Maranhão" - Rev. do Instituto Histórico - Tomo LXXII - Rio 1909
 Luis Figueira (Pe.) - "Relação do Maranhão" - Ed. Comemorativa do 3º Cent. do Ceará
 Odilon Nunes - "Pesquisas para a História do Piauí" - Arte Nova - Rio
 Idem - "Depoimentos Histórico s" - Comepi - 1981
 Serafim Leite - "História da Companhia de Jesus" - Imprensa Nacional - Ric - 1945
 Diário dos Jesuítas de Teresina.

ARQUIVOS

- Arquivo Paroquial de Oeiras
 Arquivo Público de Teresina
 Arquivo Ultramarino de Lisboa
 Arquivo da Arquidiocese de São Luis